

O mercado do sexo urbano na contemporaneidade: uma contribuição da historiografia catarinense.

FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria. **Prostituição em áreas urbanas**: histórias do tempo presente. Florianópolis: Editora UDESC, 2010. 304p.

Anelise Rodrigues Machado de Araujo*
Camila Serafim Daminelli**

O exercício da prostituição, enquanto fenômeno social e categoria de trabalho é um tema sempre em voga no tempo presente, seja pelas lutas que a atividade articula em torno de si, seja pelas controvérsias sociais geradas por suas diferentes representações. Alçada à categoria de atividade laboral pelos movimentos feministas das décadas de 1970 e 1980, no Brasil, vê-se na contemporaneidade a pulverização dos discursos sobre o tema, que o distanciam do olhar binário a que esteve ligado em grande parte do século XX, quando era visto ora enquanto sexualidade feminina insubmissa, ora como face da submissão máxima das mulheres ao masculino, representada pela *troca de seu sexo* por valores comerciais. A historiografia do chamado *Tempo Presente* contribui de maneira múltipla para colocar em cena, no que toca ao agora chamado *mercado do sexo*, novos sujeitos, distintas sexualidades e diversificadas experiências sociais.

Neste sentido, o livro *"Prostituição em áreas urbanas: histórias do tempo presente"* tem na pluralidade de fontes documentais uma de suas principais riquezas. Afinal, possibilita que o/a leitor/a vislumbre os diferentes discursos que incidem sobre o mercado do sexo e, além disso, sobre as representações, os conflitos e os silêncios acerca da relação entre corpo, sexualidade e normas sociais. Nesta coletânea, composta por dezesseis artigos, pode-se tomar conhecimento sobre pesquisas efetuadas em arquivos do poder judiciário, fontes legislativas, panfletos distribuídos nas ruas, entrevistas orais, prontuários de programas sociais, produção fílmica, canções e imprensa periódica.

Entre os trabalhos realizados a partir de periódicos, há a produção de Adriano Francisco Denardi, historiador, intitulada *As Casas de Luz Vermelha: canções e representações das prostitutas através de letras de músicas*, em que busca demonstrar a articulação entre as representações sociais sobre a prostituição nos

* Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

** Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC.

jornais e nas músicas populares. Sua análise percebe que a imagem da prostituta é ligada de forma recorrente a uma sexualidade insaciável, que nunca se contentará com uma relação monogâmica e com a vida em família. Versa também sobre a vida errante que escolhem algumas mulheres ao prostituir-se, e que, em busca de fama, acabam sozinhas e sem a proteção de uma figura masculina.

O capítulo de Luciane Danelli Barragan também buscou na imprensa escrita e periódica as fontes para sua pesquisa. Em *Garotas de programa: o mercado do sexo no jornal Diário Catarinense*, a autora aborda a emergência da prostituição moderna, a partir de meados do século XIX, para problematizar, na contemporaneidade, as novas formas tomadas por essa categoria de serviços sexuais. A partir dos anúncios ofertando práticas prostitucionais, em que as mulheres descreviam suas características corporais, cor dos olhos, dos cabelos, aspectos ligados ao *sex appeal* característico e assim, informar os clientes em potencial, a autora acaba por desvendar os padrões de gênero de uma época, os modismos e as apropriações lingüísticas do marketing, que se aprimora junto à demanda por um ou outro serviço sexual.

Também tomando o Diário Catarinense enquanto fonte documental, em *O 'dote' nos anúncios de prostituição masculina do Diário Catarinense* pode-se perceber o alvorecer, na mídia impressa, da oferta de atividades prostitucionais masculinas e suas características diferenciadas com relação à oferta feminina. O capítulo do historiador Rafael Araujo Saldanha aponta o 'dote' masculino como um fator de extrema relevância para o sucesso dos anúncios masculinos, uma vez que dialoga com padrões sociais de masculinidades centrados no membro fático, sendo esta uma característica marcante entre meados da década de 1980 e a de 1990. O artigo versa também sobre o caráter bastante resumido dos anúncios, permeados por siglas e códigos, que visam, por um lado, guardar certa discrição por parte dos trabalhadores sexuais e por outro, falar a um público específico, familiarizado com os modelos de referência da temática sexual comercial.

O jornal *Diário Catarinense*, que foi tomado como fonte histórica pelos dois últimos trabalhos citados, foi lançado em 05 de maio de 1986 e rapidamente se tornou o jornal mais lido do Estado. Devido a essa abrangência e a circularidade do discurso da mídia impressa no que toca às temáticas sociais, ele é tomado como fonte privilegiada pela produção historiográfica em Santa Catarina no *Tempo Presente*. As

autoras e autores da obra contribuem para a construção de histórias que transpõem os limites da fronteira catarinense, devido à complexidade e relevância das perspectivas teóricas e conceituais apresentadas. Contudo, é inegável que “Prostituição em áreas urbanas: histórias do tempo presente” se constitui como uma grande contribuição da historiografia catarinense às discussões sobre o mercado do sexo, levando-se em consideração que todas as autoras e autores utilizaram fontes documentais relacionadas ao Estado e/ou são historiadoras/es que atuam em universidades catarinenses, possuindo trajetórias reconhecidas na região.

Deste modo, é possível encontrar na obra diversas histórias do mercado do sexo em diferentes localidades catarinenses. Raquel Alvarenga Sena Venera e Onice Sansonowicz escrevem sobre Itajaí, cidade localizada no nordeste de Santa Catarina, assim como Joinville. Em *A Cidade das Camélias e as Camélias na cidade*, Raquel Alvarenga Sena Venera apresenta suas considerações sobre uma questão presente em grande parte dos países ocidentais durante o século XX, que se refere aos debates em que duelavam regulamentação *versus* abolição da prostituição. Contextualizando-os em um momento de relevância do tema nos meios públicos, a autora acompanha as lutas políticas para resolver os *problemas de moral* das famílias joinvilenses, quando foi proposta a retirada das prostitutas da região urbana da cidade para um local mais isolado.

Já da contribuição de Onice Sansonowicz, em *Dona Josefa mudou-se. Aqui mora família – códigos e práticas da prostituição em Itajaí (SC) nas décadas de 1950 a 1980* deve-se apreender que a autora tem uma preocupação bastante importante de situar no âmbito do discurso as representações da prostituição na cidade, tanto no sentido de como a atividade era entendida por homens e por mulheres, quanto às práticas políticas do poder público ao promover o esquadramento dos corpos. De seu estudo pudemos apreender as diferentes faces do feminino, através do olhar de pessoas antigas da região e suas falas, que distinguem as prostitutas das mulheres de família: estas, ideais, amadas, mas geralmente, dessexualizadas, enquanto as primeiras são sempre fogosas, mas, traiçoeiras, podem “fingir” satisfação para conquistar os homens.

Em Joinville, uma análise dos espaços sociais de prostituição, ontem e hoje, é realizada por Janine Gomes da Silva. No capítulo *Casas, esquinas e ruas ‘do pecado’: lugares de prostituição, memórias sobre um ‘discurso caminhante*, a autora situa os

enfrentamentos de moradores e moradoras da cidade com o poder público, em debates cotidianos permeados por paixões que tentavam chegar a um consenso sobre quais medidas seriam mais adequadas para lidar com a atividade. Como em outras cidades, o projeto idealizado previa o afastamento e a centralização das zonas de prostituição fora da malha urbana, o que de fato, como apontado pela autora, nunca se concretizou.

Seguindo para o sul do Estado, Adriana Fraga Vieira analisou categorias de prostituição urbana cujas marcas ficaram registradas pelo aparato policial. Em *Retirar as 'ervas daninhas' para não comprometer o 'jardim' – o discurso dos populares sobre a prática da prostituição em Criciúma-SC (1970-1980)*, a autora demonstra que o clube conhecido como Maracangalha tornou-se um grande pólo de prostituição na região, mas que de fato ele nunca chegou a concentrar o mercado do sexo na cidade, mesmo em seu momento mais glorioso. Adriana consegue também operacionalizar categorias de poder ao perceber, por um lado, que dentre as denúncias de prostituição em casas de clandestinidade, são grande maioria mulheres de origem humilde e que convivem com prostitutas no cotidiano, mas o fazem zelosas pelas paixões dos maridos; e por outro lado, percebe que a polícia em diversos momentos foi bastante mais compreensiva, em termos de fechamento de estabelecimentos e regras de funcionamento, com espaços destinados à frequência dos *homens ilustres* da cidade.

O volume maior de produções, possivelmente devido à maior concentração de pesquisadoras e pesquisadores, é sobre a capital catarinense. O trabalho de Maryana Cunha contempla a Vila Palmira, localizada na região da Grande Florianópolis. Intitulado *Vila Palmira – Prostituição em Florianópolis e São José (1960-1980)*, o texto permite ao leitor e a leitora conhecer a organicidade do mercado do sexo em Florianópolis em um momento bastante ímpar, quando todas as trabalhadoras foram transplantadas a um só local, ainda hoje estigmatizado pelos vestígios do outrora espaço de prazer masculino. Cunha aborda a complexidade dos discursos sobre a prostituição naquele momento ao problematizar a importância deste espaço e dessas trabalhadoras no que toca a construção das masculinidades e sociabilidades masculinas, ainda que estas mulheres fossem perseguidas, vigiadas e estigmatizadas, ainda que sobre elas recaísse uma série de preconceitos ligados a uma conduta moral.

Através das produções historiográficas sobre Florianópolis que compõem o livro é possível percorrer todo o século XX na cidade, com ao menos um olhar sobre o mercado prostitucional em cada época. A historiadora Ivonete Pereira narra em *No vaivém da vida: prostitutas em 'trânsito' – Florianópolis (1900/1940)* o cotidiano e as práticas de sobrevivência de mulheres prostitutas em um momento de reformas urbano-sanitárias que tornavam sua atividade alvo de discursos higiênicos, legitimando, por sua vez, uma série de violências a que eram submetidas. Sobre o exercício da prostituição na região central da cidade, Marilange Nonnenmacher explicita em *Conselheiro Mafra: a alma de uma rua chamada 'pecado'*, a ligação bastante íntima entre a prostituição e o mundo urbano e seus códigos, as estratégias de fuga que ele permite e os símbolos inteligíveis entre os grupos sociais. A autora aponta para uma *geografia do prazer* que buscava evitar encontros entre as mulheres honestas e as mulheres faladas; situação que foi esmorecida pelas reformas modernistas iniciadas na década de 1970.

Também percorrendo as ruas do Centro de Florianópolis, porém com fontes documentais de uma história bem mais recente, Marlene de Fáveri questiona em *As Piriquetes de Floripa – práticas contemporâneas de propagandas de sexo pago* o foco naturalizado sobre as mulheres quando se trata de prostituição. A autora explicita que, apesar dos serviços serem oferecidos majoritariamente por mulheres, a maior parcela de pagantes são homens e que estes se constituem como sujeitos indispensáveis para a manutenção da prática, bem como para a historicidade da mesma, em suas relações de poder. A contribuição de Marlene vem no sentido de colocar o cliente nas análises sobre a atividade, inseri-lo numa dinâmica de poder que existe, a princípio, porque existe uma demanda a esses serviços. Do mesmo modo, o fator econômico é apresentado com uma das variáveis determinantes para o exercício da prostituição também no capítulo *Infância, exploração sexual e o programa social Sentinela (Florianópolis, 1980-2005)*. Segundo a autora, Silvia Maria Fávero Arend, muitas meninas recorrem ao comércio do sexo para aquisição de bens materiais ou para satisfazer outras demandas que envolvem valores econômicos, como o consumo de drogas. Além disso, a estudiosa demonstra que os discursos sobre a juventude prostituída não são uníssonos, mas vem e vão entre a vitimização das meninas, a culpabilização das famílias e o caráter de uma sexualidade desenvolvida perversamente.

Além da contribuição desta historiadora, outros três capítulos investigam questões relacionadas à exploração no mercado prostitucional. Em *O filme Anjos do Sol e a exploração sexual de meninas: instigando olhares*, Cristiani Bereta da Silva apresenta uma análise desta produção fílmica através da qual é possível perceber as diferentes realidades regionais envolvendo meninas em práticas de sexo comercial no Brasil. Neste caso, marcadamente característico das regiões norte e nordeste, Cristiani aponta para a não raridade de casas de sexo em que meninas são feitas escravas e propõe que, da experiência dolorosa de suas vidas, não se pode apartar a existência de um *ethos* masculino que as mantém e promove. *Ethos*, por sua vez, marcado por relações de gênero e geração que não será compreendido senão a luz dessas categorias de forma imbricada. As experiências de exploração também são estudadas por Anamaria Marcon Venson, que no capítulo *Brasileiras no mercado sexual transnacional* apresenta um cenário bastante amplo da exploração de mulheres em diferentes países do globo. Venson discute a centralidade da mídia, impressa e televisiva, no que toca à construção dos saberes sobre as mulheres no mercado do sexo. Discute, ainda, como a mídia, em diálogo com as tentativas de consolidar as barreiras migratórias, apresenta de forma vitimizada as mulheres prostitutas, bem como enfatiza falas em que elementos de classe e etnia estão presentes. Já através do texto *Entre sonhos, pesadelos e fronteiras: experiências de mulheres e/immigrantes entre México – Estados Unidos*, de Gláucia de Oliveira Assis, é possível perceber que o discurso da vitimização e da passividade é assimilado em alguns momentos por mulheres que tentaram, sem lográ-lo, cruzar as fronteiras entre o México e os Estados Unidos. Ao mesmo tempo em que acentuam a importância, na travessia, de uma figura masculina de confiança, dão centralidade às narrativas de negação de sua honra violada, por exemplo, pela exploração sexual pelos *coiotes*.

Em *Vender o corpo, vender o sexo – serviços sexuais e trabalhadoras/es do sexo: uma apresentação* a Joana Maria Pedro faz uma breve discussão da trajetória de pesquisa, no âmbito da História, das temáticas do mercado do sexo. Pedro problematiza, por um lado, o que está em jogo na produção destes saberes, que lutas políticas eles representam; e, por outro, a questão ainda difícil de colocar, em alguns meios: que os serviços sexuais são uma categoria de trabalho que, como todas as outras que realizamos em nosso dia-a-dia, tem no corpo seu instrumento de

operacionalização e deve ser entendida a partir da dignidade que este estatuto de igualdade lhe confere.

Recebido em *Novembro* de 2011

Aprovado em *Janeiro* de 2012